



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## O “OVO DE COLOMBO”: AS CONFERÊNCIAS DE JOAQUIM NABUCO NOS ESTADOS UNIDOS (1906-1909)\*

Luiza Larangeira da Silva Mello\*\*

Eu pretendo, nesta comunicação, analisar a construção de uma identidade continental americana nas conferências que Joaquim Nabuco proferiu em importantes instituições norte-americanas, no primeiro decênio do século XX, na qualidade de embaixador brasileiro nos Estados Unidos. Depois de quase nove anos afastado da política, por reafirmar sua lealdade monárquica mesmo após a proclamação de república em 1889, o ex-deputado liberal voltou à cena pública, quando foi nomeado representante brasileiro em Londres para tratar de um litígio concernente à fronteira entre o território nacional e a Guiana Inglesa. Apesar do fracasso da missão – tendo o arbítrio do rei italiano Vitor Emanuel III favorecido a Grã-Bretanha – a carreira diplomática de Nabuco se desenvolveu, a partir deste momento, de forma promissora. Em 1905, recebeu a missão de formar a primeira embaixada brasileira em Washington

---

\* O presente trabalho foi realizado com o apoio da CAPES, entidade do Governo Brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

\*\* Doutorou-se pelo programa de História Social da Cultura da PUC-Rio. Atualmente, é bolsista de Pós-Doutorado CAPES/PNPD, vinculada ao Departamento de História da PUC-Rio e ao projeto de pesquisa “Subjetividade, Religião e Política em Joaquim Nabuco”, coordenado pelo professor Ricardo Benzaquen de Araújo. Tem experiência na área de História Intelectual, interessando-se principalmente pelos seguintes temas: história das literaturas anglo-americana e brasileira e história do pensamento social brasileiro.

e, embora inicialmente tivesse sido nomeado apenas para um posto temporário, acabou por se tornar, nesse mesmo ano, o primeiro embaixador brasileiro nos Estados Unidos – posto que viria a ocupar até sua morte em 1910.

A possibilidade do retorno à esfera pública, mesmo em se tratando de uma esfera pública sustentada sobre os alicerces de um regime republicano, já fora sugerida na compilação de ensaios memorialísticos intitulada *Minha Formação*, que Nabuco escreveu entre 1893 e 1899 e publicou em 1900. Nesses ensaios, Nabuco narra sua *Bildung* política e literária e modela sua subjetividade de modo a oferecer a imagem de uma personalidade a um só tempo estável e flexível, em que a adesão ideológica à monarquia parlamentar poderia ser conciliada com a aceitação de um cargo público no regime republicano, desde que se o fizesse para servir à nação. No último capítulo de *Minha Formação*, o autor descreve o exemplo dos homens públicos da geração de seu pai, que serviram ao regime monárquico, mas nunca enfrentaram “o dilema entre a monarquia e a pátria, porque a pátria não podia ter rival”<sup>1</sup>. Esse exemplo do passado abriria para Nabuco a possibilidade de voltar a servir à pátria no futuro, independentemente do regime político que a governasse.

Como diplomata Nabuco procurou servir à pátria ampliando suas fronteiras para que elas adquirissem dimensões continentais. Em seus quase vinte discursos proferidos nos Estados Unidos, na virada do século, – entre os quais seis tiveram lugar em importantes universidades norte-americanas, como Chigaco, Yale e Wisconsin –, Nabuco assumiu uma política declaradamente pan-americanista. Como nota Kenneth David Jackson, “o propósito de Nabuco, nesse empreendimento, é ser não apenas o embaixador de um país, mas de toda uma língua e cultura, e de um continente e uma vivência comum”<sup>2</sup>. Entre as mais importantes conferências, três dedicam-se a desenvolver a ideia de uma comunidade cultural formada pelos países do continente americano em ambos os hemisférios; outras três pretendem divulgar a obra épica e lírica de Luiz de Camões e, através dela, o ideal de uma cultura luso-brasileira clássica; e duas são deferências à memória política de Abraham Lincoln, nas quais Nabuco aponta a

<sup>1</sup> NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999, p. 217.

<sup>2</sup> JACKSON, Kenneth David. “O embaixador americanista: as conferências de Joaquim Nabuco nos Estados Unidos.” In: \_\_\_\_\_. (org.) *Conferências sobre Joaquim Nabuco: Joaquim Nabuco em Yale*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2010.

escravidão africana como o traço comum ao passado tanto de brasileiros quanto de norte-americanos e ressalta a influência da política de Lincoln no movimento abolicionista brasileiro.<sup>3</sup>

Os limites da nação brasileira, tão bem marcados em *Minha Formação*, tornam-se mais porosos nas conferências norte-americanas, sem, no entanto, se esfacelarem. A autonomia e soberania nacionais são, na perspectiva de Nabuco, tão mais fortalecidas na medida em que o Brasil possa ser integrado em unidades culturais mais amplas, sejam elas formadas por uma identidade continental americana, por uma comunidade linguística, como a que há entre Brasil e Portugal, ou pela marca sócio-cultural deixada pela escravidão.

O pan-americanismo de Nabuco tomou a forma de uma adesão explícita à Doutrina Monroe, cujo lema, “América para os americanos”, buscara sintetizar, já nas primeiras décadas do século XIX, a política de defesa dos Estados Unidos contra a intervenção europeia no continente Americano. O monroísmo de Nabuco foi certamente em muito influenciado pelo desastroso resultado no caso da Guiana, pois dificilmente o Brasil seria favorecido em um litígio contra a Inglaterra, tendo em vista a esfera de influência e intimidação exercida pelo poder político e econômico de um império como o inglês. O monroísmo nabuqueano se expressou no esforço de vencer o que ele alude como a “indiferença” norte-americana e conquistar o apoio e a proteção do país mais poderoso do continente.

Na conferência intitulada “A aproximação das duas Américas”, que proferiu na Universidade de Chicago em 1908, Nabuco procura apaziguar os temores de que uma aliança com Estados Unidos pudesse ser prejudicial ao invés de benéfica para os países latino-americanos. Nabuco apresenta essa aliança em uma perspectiva marcadamente universalista – a qual já se encontrava intensamente presente em *Minha Formação* –, mas desta vez de um universalismo de dimensões continentais. O universalismo de Nabuco se sustenta na ideia de que existe uma identidade comum aos países do

---

<sup>3</sup> Essas conferências foram escritas e proferidas em inglês e intitulam-se, respectivamente: *The Spirit of Nationality in the History of Brazil* (Yale, 1908), *The Approach of the two Americas* (Chicago, 1908), *The Share of America in Civilization* (Wisconsin, 1909), *The Place of Camoens in Literature* (Yale, 1908), *Camoens, the Lyric Poet* (Vassar College, 1909), *The Lusíadas as the Epic of Love* (Cornell, 1909), *Lincoln's World Influence* (1906) e *Lincoln's Centenary* (1909).

continente americano – uma identidade que fundamentaria um destino comum. Assim, ele pergunta à sua audiência norte-americana:

Teria sido a Doutrina Monroe inspirada pelo mero receio de que a Europa estendesse suas esferas paralelas de influência sobre a América, como mais tarde as estendeu sobre a África e como já quase conseguiu estendê-la sobre a Ásia, vindo a por em perigo a vossa posição solitária? Ou teríeis sido movidos pela intuição de que este mundo novo nasceu com um destino uno? Creio fortemente que a doutrina Monroe inspirou-se mais ainda nesse instinto americano – uso aqui a palavra no seu sentido continental – do que em qualquer receio de perigo para os Estados Unidos.<sup>4</sup>

Vale deixar claro que Nabuco não era de modo algum ingênuo politicamente, e as palavras confiantes e amigáveis proferidas em sua atuação como diplomata puderam ser perfeitamente conciliadas com a face pragmática da aliança com os Estados Unidos, expressa em sua correspondência com Rio Branco, então ministro das Relações Exteriores: “Se o povo americano se convencesse de que lhe desejamos mal, nossa integridade não valeria muito. Como poderíamos defender Fernando de Noronha melhor do que Colômbia ao Panamá?”<sup>5</sup>. O que mais me interessa compreender no discurso monroísta de Nabuco é, no entanto, a maneira como ele constrói sua perspectiva universalista centrada, não mais tanto na relação dialética entre a América e a Europa, como fizera em *Minha Formação*, mas na ideia de um passado e, sobretudo, de um futuro comum aos países do continente americano.

Em *Minha Formação*, Nabuco modela sua subjetividade de modo a sintetizá-la no tenso equilíbrio entre o vínculo afetivo e íntimo com seu torrão natal e o vínculo cultural mais amplo com a Europa que, para ele, representava o vínculo com a humanidade como um todo. Este duplo vínculo, muito comum à trajetória dos membros das elites americanas que tiveram uma formação humanista europeia, foi nomeado por Evaldo Cabral de Mello como o “dilema do mazombo”, isto é, o dilema que informa culturalmente “o descendente de europeu ou reputado como tal, com um pé na América e outro na Europa, e equivocadamente persuadido de que, cedo ou tarde, terá de vencer

<sup>4</sup> NABUCO, Joaquim. “A aproximação das duas Américas”. In: Evaldo Cabral de Mello (org.). *Essencial Joaquim Nabuco*. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2010, p. 552.

<sup>5</sup> Id. *Carta aos Amigos II*. Apud. DENNISON, Stephanie. “‘A Aproximação das Duas Américas’: a promoção do Brasil feita por Joaquim Nabuco em universidades americanas.” In: JACKSON, Kenneth David. (org.) *Conferências sobre Joaquim Nabuco*, p. 90.

a indecisão, plantando-os ambos de um lado só do oceano.”<sup>6</sup> Nas palavras do próprio Nabuco, este duplo vínculo condenava os mazombos “à mais terrível das instabilidades”, uma vez que “na América falta à paisagem, à vida, ao horizonte, à arquitetura, a tudo que nos cerca, o fundo histórico; e que na Europa nos falta a pátria, isto é, a fôrma em que cada um de nós foi vazado ao nascer. De um lado do mar sente-se a ausência do mundo; do outro, a ausência do país.”<sup>7</sup> Nabuco procurou promover a síntese entre o vínculo nacional e o vínculo universal e alcançar algum tipo de estabilidade devotando-se à causa da abolição da escravidão no Brasil; causa, segundo ele, a um só tempo nacional e universal, através da qual lhe foi possível simultaneamente “ajudar o [seu] país” e “prestar os ombros à [sua] época”<sup>8</sup>. Entretanto, o cotidiano da política nacional – que é, para ele, a política comezinha, partidária, dos conflitos de interesse e não da grandes causas – nunca fora capaz de suprir sua necessidade de se ligar aos elementos da alta civilização europeia, aos elementos que são também o fundamento das culturas americanas:

Não quero dizer que haja duas humanidades, a alta e a baixa, e que nós sejamos desta última; talvez a humanidade se renove um dia pelos galhos americanos; mas, no século em que vivemos, o espírito humano, que é um só e terrivelmente centralista, está do outro lado do Atlântico; o Novo Mundo para tudo o que é imaginação estética ou histórica é uma verdadeira solidão, em que aquele espírito se sente tão longe das suas reminiscências, das suas associações de ideias, como se o passado todo da raça humana se lhe tivesse apagado da lembrança e ele devesse balbuciar de novo, soletrar outra vez, como criança, tudo o que aprendeu sob o céu da África...<sup>9</sup>

A ideia de um “espírito humano” que se manifesta historicamente por meio preeminência de determinadas nações em épocas distintas – ideia difundida por diversas filosofias da história desde o século XVIII –, sustenta a noção de continuidade cultural entre a América e a Europa ao longo de *Minha Formação*. Tal noção se encontra também presente nas conferências proferidas por Nabuco nos Estados Unidos. Naquela

---

<sup>6</sup> MELLO, Evaldo Cabral de. No Centenário de *Minha Formação*. In: NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*, p. 12.

<sup>7</sup> NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*, p. 49.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 154.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 50

destinada aos formandos da universidade de Wisconsin, em 1909, intitulada, “A parte da América na civilização”, ele alerta para o fato de que

ao escrever [...] a história da civilização, nosso cuidado em não omitir o resto da humanidade não deve ser menor que o de não esquecer a América. A raça americana não nasceu de chofre em estado adiantado de civilização. Constituiu-se, no período de formação, dentro da própria raça inglesa, que foi apenas crescendo em outro ambiente. Constitui-se hoje da fusão da raça inglesa com outras raças, mas ainda sob sua predominância.<sup>10</sup>

O tema da conferência não é, contudo, o da continuidade cultural entre os Estados Unidos e sua ex-metrópole européia, mas sim o da contribuição *original* dos norte-americanos para um modelo de civilização que é, na verdade, ocidental; ou, mais especificamente, europeu. Essa contribuição original pode ser encontrada na democracia norte-americana – que se diferencia da inglesa, em particular, e da europeia, em geral, por instituir não apenas a igualdade de condições como também a igualdade das posições na sociedade, e pela feição particular que lhe é dada pela imigração. Segundo Nabuco, nos Estados Unidos, pela primeira vez a imigração “fez da pátria simples questão de vontade.”<sup>11</sup> E continua:

Quando o espírito de liberdade, que fora caracteristicamente anglo-saxônico, se enraizou num país sem tradição monárquica, tomou a forma de democracia, ou de república. Existem, sem dúvida, elementos fundamentalmente ingleses na democracia americana, como existem outros de origem greco-latina. Não se pode quebrar a cadeia que une, através da história, a evolução de uma ideia ou um sentimento. No entanto, a democracia americana é novidade genuína de feio desconhecido. Nem os antigos a produziram, nem a produziria a Europa.<sup>12</sup>

Embora Nabuco coloque em primeiro plano, neste trecho, as noções de originalidade e novidade, não deixa de tocar a nota da continuidade histórico-cultural com a Europa. Esta ambiguidade resulta do fato de que o conferencista incorpora em seu discurso duas tradições culturais distintas, e até mesmo opostas, que informaram a construção da identidade nacional dos territórios americanos que se tornaram

---

<sup>10</sup> Id. “A parte a América na civilização”. In: Evaldo Cabral de Mello (org.). *Essencial Joaquim Nabuco*, p. 533.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 538.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 539.

independentes a partir de fins do século XVIII e princípios do XIX. A tradição que prevaleceu nos Estados Unidos, presente no discurso de grande parte dos homens de letras norte-americanos, no século XIX, enfatiza a ideia de que o legado cultural Europeu é um legado estrangeiro às condições sociais e culturais norte-americanas; e que o desenvolvimento destas condições depende da libertação da nova nação deste legado que se tornou uma carga obsoleta. Essas ideias são sintetizadas, por exemplo, na obra do ensaísta e poeta norte-americano Ralph Waldo Emerson através da defesa de uma relação imediata e original entre os indivíduos e o mundo que os cerca, uma relação não mediada pela tradição.<sup>13</sup> A origem dessas ideias pode ser traçada até a máxima de Thomas Jefferson de que “a terra pertence em usufruto aos vivos; [...] os mortos não têm nem poderes nem direitos sobre ela.”<sup>14</sup> Elas podem ser traçadas, na verdade, até um momento na história da América ainda mais remoto, qual seja, a associação feita pelos colonos puritanos entre o Novo Mundo e a bíblica Jerusalém terrestre; um novo mundo para se construir uma sociedade inteiramente nova. A ideia de que os homens não devem se sustentar no passado para se orientar no presente e construir o futuro – ideia que se traduz na máxima de que a América, como continente relativamente novo, deve libertar-se do passado europeu para se desenvolver como nação independente – é a ideia que norteia a política continental expressa pela Doutrina Monroe e que fundamenta a política americanista do presidente Theodore Roosevelt na época em que Nabuco é embaixador nos Estados Unidos.

Nabuco, todavia, procura sempre o equilíbrio entre as noções de continuidade e descontinuidade. Se ele incorpora em seus discursos a tradição de ruptura norte-americana, tampouco negligencia a tradição ibérica que enfatiza a continuidade entre a cultura europeia e a cultura das nações americanas que foram ex-colônias de países europeus. Na conferência que pronunciou em Yale, em 1908, intitulada “O sentimento de nacionalidade na história do Brasil”, Nabuco argumenta que o vínculo afetivo que ata os homens ao território em que nasceram – vínculo que, no século XIX, viria a tomar a forma de sentimento de nacionalidade – foi, no caso do Brasil, formado antes mesmo do

---

<sup>13</sup> Cf. EMERSON, Ralph Waldo. *Essays and Lectures*. New York: The Library of America, 1983.

<sup>14</sup> JEFFERSON, Thomas. *The Writings of Thomas Jefferson: autobiography, correspondence, reports, messages, addresses and other writings, official and private*. Vol. III. New York: Taylor & Maury, 1854, p. 103 (tradução minha).

processo de independência da América Portuguesa. Assim como em suas conferências sobre a lírica e a épica camonianas, também na conferência de Yale, Nabuco insiste na ideia de uma cultura luso-brasileira, fundada na língua portuguesa que, por sua vez, foi formada, durante a Idade Média, juntamente com outros idiomas vernáculos derivados do latim e consagrados, no Renascimento, nas obras clássicas de autores como Petrarca, Dante, Cervantes e Camões. Ele abre seu discurso declarando que “o Brasil e os *Lusíadas* são as duas maiores obras de Portugal.”<sup>15</sup>

O tom geral das conferências de Nabuco nos Estados Unidos é de um universalismo fundado na ideia de continuidade. Mas, ao contrário do que ocorria com o argumento universalista em *Minha Formação*, nas conferências, o universalismo nabuqueano não se centra exclusivamente na continuidade cultural entre a América e a Europa; ele inclui também a continuidade cultural entre as nações americanas e a ideia de que a América, sob a liderança dos Estados Unidos, pode oferecer uma contribuição original à história da humanidade. Nabuco parece sugerir que, ao contrário do que ele próprio dissera dez anos antes, em *Minha Formação*, talvez tenha chegado o tempo em que a humanidade irá se renovar através de seus galhos americanos.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DENNISON, Stephanie. “A Aproximação das Duas Américas’: a promoção do Brasil feira por Joaquim Nabuco em universidades americanas.” In: JACKSON, Kenneth David. (org.) *Conferências sobre Joaquim Nabuco: Joaquim Nabuco em Yale*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2010.

EMERSON, Ralph Waldo. *Essays and Lectures*. New York: The Library of America, 1983.

JACKSON, Kenneth David. “O embaixador americanista: as conferências de Joaquim Nabuco nos Estados Unidos.” In: JACKSON, Kenneth David. (org.) *Conferências sobre Joaquim Nabuco: Joaquim Nabuco em Yale*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2010.

JEFFERSON, Thomas. *The Writings of Thomas Jefferson: autobiography, correspondence, reports, messages, addresses and other writings, official and private*. Vol. III. New York: Taylor & Maury, 1854.

---

<sup>15</sup> NABUCO, Joaquim. “O sentimento de nacionalidade na história do Brasil”. In: Evaldo Cabral de Mello (org.). *Essencial Joaquim Nabuco*, p. 517.



MELLO, Evaldo Cabral de. No Centenário de *Minha Formação*. In: NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*.

NABUCO, Joaquim. “A aproximação das duas Américas”. In: NABUCO, Joaquim; Evaldo Cabral de Mello (org.). *Essencial Joaquim Nabuco Essencial Joaquim Nabuco*. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. “Camoens, the lyric poet; address at Vassar College on April 21, 1909.” [Washington, D.C., 1909].

\_\_\_\_\_. “Lincoln's centenary : speech of the Brazilian ambassador Joaquim Nabuco at the celebration in Washington of Lincoln's centenary organized by the Commissioners of the District of Columbia, February 12th, 1909.” [Washington, D.C., 1909].

\_\_\_\_\_. “Lincoln's world influence Remarks of the Brazilian ambassador, Mr. Joaquim Nebuco, at the fourteenth annual banquet of the Lincoln Republican Club and of the Young men's Republican Club of Grand Rapids, on February 12th, 1906.” [Washington, D.C., 1906].

\_\_\_\_\_. “The Lusiads as the Epic of Love; address delivered at Cornell University on April 23, 1909.” [Washington, D.C., 1909].

\_\_\_\_\_. *Minha Formação*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

\_\_\_\_\_. “A parte a América na civilização”. In: NABUCO, Joaquim; Evaldo Cabral de Mello (org.). *Essencial Joaquim Nabuco Essencial Joaquim Nabuco*. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. “The Place of Camoens in Literature”. [Washington, D.C., 1908].

\_\_\_\_\_. “O sentimento de nacionalidade na história do Brasil”. In: NABUCO, Joaquim; Evaldo Cabral de Mello (org.). *Essencial Joaquim Nabuco Essencial Joaquim Nabuco*. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2010.